

Introdução

Introduction

My first contact with Angolan sculptures in Portugal (in particular the wonderful Tshokwe sculptures from the Moxico region) came about in an unexpected way some time before my first visit to the Anthropological Museum of the Faculty of Science of the University of Porto in 1962.

In 1948, the Tervuren Museum (about 15 Kms from Brussels) hosted the third session of the International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences, whose president was the anthropologist and art historian Prof. Frans M. Olbrechts. He had studied in America under the famous Frans Boas at the University of Columbia, N.Y. and had created a course at the University of Gand, which was renowned for its excellence. He had succeeded the biologist Henri Schouteten, who had been the director of the Tervuren Museum for many years.

Among those present at the Congress was Prof. A. A. Mendes Corrêa, of the Faculty of Science of the University of Porto. At the request of the director Frans M. Olbrechts he sent him photographs of 47 objects from Portuguese Guinea and Angola to be added to the photographic archive of the International Centre for the Study of African Art (C.I.E.A.A.). Among the 20 or so from Angola were photographs of sculptures from the Moxico region, including *um caçador indígena* (a native hunter) and *um indígena sentado com as pernas cruzadas* (a native sitting cross-legged).

The list of objects, which was drawn up on the 8th of June 1949 and signed *Almeida*, was immediately sent to Prof. Mendes Corrêa then in Lisbon. These documents (via la Société Générale de Belgique) only reached the Tervuren Museum about ten years later and were registered as a donation from Mendes Corrêa and numbered 59.5.1 to 100 in the photographic archive of the Research Centre (C.I.E.A.A.).

When I first visited the Faculty of Science Museum in 1962, António Marques de Almeida, Jr., an ex-assistant of Mendes Corrêa (who had died in the meantime) and who had even accompanied him on his physical anthro-

O meu contacto com as obras angolanas conservadas em Portugal reveste-se de circunstâncias frequentemente inesperadas, sobretudo no que diz respeito às maravilhosas esculturas dos Tshokwe provenientes da região de Moxico, o que sucedeu antes da minha primeira visita, realizada em 1962, ao Museu de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

O Museu de Tervuren (localizado a cerca de 15 Km de Bruxelas) recebeu, em 1948, a III Sessão do Congresso Internacional das Ciências Antropológicas e Etnológicas, sob a presidência do Prof. Frans M. Olbrechts, reputado antropólogo e historiador de arte (antigo aluno do célebre Frans Boas na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, América). Olbrechts foi responsável por uma cadeira de renome na Universidade de Gand, devido ao valor dos seus discípulos. Foi também o sucessor do biólogo Henri Schouteten que, durante longos anos, dirigiu aquele Museu.

Neste Congresso participava o Prof. A. A. Mendes Corrêa da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto que, a pedido de Frans M. Olbrechts e tendo em vista a valorização do Arquivo Fotográfico do Centro Internacional para o Estudo da Arte Africana (C.I.E.A.A.), lhe forneceu as fotografias de 47 peças da Guiné e de Angola. Entre estas figuravam as imagens de obras provenientes da região de Moxico, tais como "um caçador indígena" e "um indígena sentado com as pernas cruzadas".

Elaborada a 8 de Junho de 1949 e assinada "Almeida", a lista das peças foi imediatamente enviada (com as respectivas fotografias) para o Prof. A. A. Mendes Corrêa, a residir nessa altura em Lisboa. Esta documentação chegaria apenas dez anos mais tarde ao Museu de Tervuren, por intermédio da Sociedade Geral da Bélgica, para ser registada no Arquivo Fotográfico do centro de investigação C.I.E.A.A., em nome de Mendes Corrêa, sob a referência 59.5.1 a 100.

Quando visitei pela primeira vez o Museu de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, António Marques de Almeida Júnior - antigo colaborador do então falecido

Mendes Corrêa, que o tinha acompanhado nas suas viagens de investigação de antropologia física, em África, – disse-me que todas as peças se encontravam expostas em vitrines numa sala dedicada a Fonseca Cardoso, sem terem sofrido qualquer modificação, desde 1932 (índio da sua carreira).

O Director do Instituto de Antropologia da época, Prof. Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, colocou-se totalmente à nossa disposição. Era o funcionário Amaro da Costa que então nos trazia as peças por nós pretendidas, de forma a que as pudéssemos estudar e delas registar certos detalhes fotográficos¹.

Após ter dado conhecimento ao Dr. Júlio de Vilhena, Director dos Serviços Culturais da Diamang, da existência destes tesouros de arte dos Tshokwe, foi enviado para o Porto um pedido de fotografias documentais para completar o inventário por mim iniciado em vários museus europeus, tendo em vista um estudo, a ser publicado nas suas “publicações culturais”.

O Prof. Santos Júnior confiou esta tarefa ao fotógrafo Teófilo Rego, que soube realizar este trabalho nas melhores condições: ao ângulo escolhido correspondia um perfeito resultado plástico.

Raras são as esculturas africanas executadas no século passado que se fazem acompanhar de indicações relativas à sua origem. Felizmente, não é este o caso das peças que se encontram no Porto, pois sabe-se que foram recolhidas na “região de Moxico”, não muito longe da nascente da Lwena pelo Major (e antropólogo) Artur Augusto da Fonseca Cardoso, durante o ano de 1904 (Bastin, 1990: 45-50).

No opúsculo consagrado à “A Escola Antropológica Portuense”, da autoria de A. A. Mendes Corrêa (1941), o Professor-Director fala com entusiasmo de um pequeno grupo de jovens de 20 anos apaixonados pela antropometria que, em 1888, fundaram a sua “Sociedade”. Entre eles, destacavam-se Ricardo Severo, Rocha Peixoto e Fonseca Cardoso. Entretanto, chega a hora da escolha de uma formação profissional! Para Fonseca Cardoso, uma vez em Lisboa, os cursos superiores permitiram-lhe o ingresso na carreira militar (Infantaria). Contudo, fiéis aos interesses pela antropologia, publicaram algumas notas e monografias sobre aspectos directamente relacionados com Portugal.

Em 1899, Ricardo Severo e Rocha Peixoto criam, no Porto, uma nova revista - a *Portugalia* - com a colaboração assídua de Fonseca Cardoso. Esta tinha como principal objectivo alargar o âmbito da escola antropológica do Porto em “Antropologia Física, Etnografia, Pré-história”. A edição da *Portugalia* termina em 1908, após

pology research trips to Africa, assured me that all the objects in the show cases in the Fonseca Cardoso room had been displayed there in the same way since 1932 (the beginning of his career).

At the time, the director of the Institute of Anthropology was Prof. Joaquim Rodrigues dos Santos Junior. He kindly put a room at our disposal, where a member of the staff, Amaro Costa, brought us the objects we asked for so that we could study them and photograph them in detail¹.

After Dr. Júlio de Vilhena (Director of the Cultural Services of DIAMANG) had been informed of the existence of the treasures of Tshokwe art, a request was made to Porto for the objects to be photographed to complete the inventory I had started in different European museums, so that a stylistic study could be published. Prof. Santos Júnior wisely chose Teófilo Rego to photograph the sculptures; his work was perfect in every way and showed the objects to their best advantage.

There are very few African sculptures from the last century whose origin is duly identified. Fortunately, this is not the case with those collected in 1904 by the anthropologist Major Artur Augusto da Fonseca Cardoso in the Moxico region, not far from the source of the river Lwena. (Bastin 1990:45-50).

In his work dedicated to the *Escola Antropológica Portuense* (1941), A. A. Mendes Corrêa speaks with enthusiasm of a small group of young people under 20 who were passionate about anthropometry and founded their *Sociedade* (1888). The most active among them were Ricardo Severo, Rocha Peixoto and Cardoso. When the time came for them to choose professional training, Fonseca Cardoso did a course in Lisbon which led to an army career in the Infantry. Their interest in anthropology resulted in the publication of notes and monographs on their observations in Portugal.

In Porto, in 1899, Ricardo Severo and Rocha Peixoto launched the magazine *Portugália*, with the collaboration of Fonseca Cardoso. The aim was to increase the interests of the anthropological school of Porto to include Anthropology, Ethnography, and Pre-History. The publication of *Portugália* came to an end in 1908 following the departure of Ricardo Severo for Brazil. Eight numbers had been published in two volumes.

In 1909, the *Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha* (Vol I) published the papers from the *Segunda Sessão de 24 de Outubro de 1898* in Figueira da Foz with the collaboration of Ricardo Severo and Fonseca Cardoso in the two main studies by A. Santos Rocha.

There is an interesting photograph taken in Figueira da Foz during the study visit of the Porto anthropologists Ricardo Severo and Fonseca Cardoso on the 30th November 1898. They are sitting on either side of a table strewn with human skulls. Their host, the Museum curator António dos Santos Rocha² dominates the picture, with Pedro Fernandes Tomás on his left.

The first edition of *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*³ was published in 1919, in honour of Fonseca Cardoso who, in spite of his short life (he died at the age of 47), left us important documents which show that he had followed the same path as his friends from his early years in Porto, in trying to narrow the gap between physical anthropology, ethnography and pre-history, which he thought could sometimes be used together.

Our military anthropologist had a good ear: he noted (1919:12) that the Quiôcos are called *ka-tciôko* in their own language. He was an excellent physical anthropologist and gave us a complete description of the Tshokwe (sing. Katshokwe; pl. Tutshokwe) including photographs, one of which, showing chief Chauto sitting near the river Simoê wearing his ceremonial headdress, *tchipenhamutuâ* (*cipenya-mutwe*); this has been seen all over the world.

In an original way, he recorded (Cardoso, 1919:14-21) a Tshokwe chief's account of their origins from their Kalanyi beginnings and how, under different chiefs, they had moved west and expanded.

Cardoso was just as much interested in the material culture of the Tshokwe as in their social customs - including male and female adolescent initiation ceremonies - and after having collected data on them, recounted the legend of lake Dilolo. A large map, beautifully drawn in colour, shows the area in detail as far as Nana Kadundu in the east (kingdom of the Lwena).

As I have already mentioned, Fonseca Cardoso was not only interested in their material culture - posthumous notes show some works of art: a door surmounted, by four stylised faces in the shape of a lozenge (which in my opinion must have come from the neighbouring Lwena); a chair in the form of a long-necked bird, which Cardoso identified with the local name for jaribu; a wader similar to the black stork of Cape Khumbi: both eating fish⁴. There are several musical instruments which are identified by their local names. There was even an explanation of how the musical bow with its calabash resonance box is played.

Unfortunately we know little about the magnificent sculptures brought from the Moxico region. Among them, however, there is a figure that I identified as *Tshibinda*

a partida de Ricardo Severo para o Brasil (até ao momento tinham sido publicados 8 fascículos, em dois volumes).

Em 1909, o "Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha" (vol. I) publica, na Figueira da Foz, as comunicações da "II Sessão de 24 de Outubro de 1898". Ricardo Severo e Fonseca Cardoso colaboraram nos dois principais estudos da edição de A. Santos Rocha.

Uma simpática fotografia, tirada na Figueira da Foz, permite recordar a visita de estudo que ali fizeram, a 30 de Novembro de 1898, os nossos antropólogos do Porto, Ricardo Severo e Fonseca Cardoso; com ar descontraído, encontramo-los à volta da cabeceira de uma mesa, onde tinham sido depositados alguns crânios humanos. De pé, em primeiro plano, podemos ver o conservador António dos Santos Rocha², tendo à sua esquerda Pedro Fernandes Tomás.

Retomemos a publicação póstuma de 1919: o primeiro número de "Trabalhos de Antropologia e Etnologia"³ é publicado em homenagem a Fonseca Cardoso que, não obstante o seu curto período de vida (47 anos), nos deixa preciosos documentos provando, dessa forma, ter colocado em prática o sonho compartilhado com os seus companheiros de juventude, no Porto: a relação estreita de "Antropologia Física, Etnografia, Pré-história", utilizada frequentemente em conjunto.

De qualquer forma, o nosso "mestre" estava sempre alerta. Fonseca Cardoso (1919:12) foi o primeiro a assinalar que os quiôcos na sua língua se chamam *ka-tchiôko* (!!). Bom conhecedor da antropologia física dos Tshokwe (sing. Katshokwe; pl. Tutshokwe), faz deles uma descrição extremamente lisonjeira e completa-a com fotografias. Por exemplo, a do Chefe Chauto (perto do rio Simoê) com o seu chapéu ceremonial "*tchipenhamutuâ*" (*cipenya-mutwe*), que deu a volta ao mundo.

Fonseca Cardoso regista (idem: 14-21) a narração comum dos chefes a propósito da sua origem – do berço inicial da Kalanyi – e da sua organização em grupos (de chefes), cada vez mais afastados em direcção a Oeste, o que não deixa de evidenciar uma certa dose de originalidade.

O investigador manifesta interesse não só pela vida material, mas também pela vida social (aqui se incluem as iniciações dos adolescentes masculinos e femininos). Relata, depois, a "Lenda do Lago Dilolo" que ilustra com um magnífico mapa a cores, o qual fornece pormenores de toda a região em direcção a leste, até Kadundu (do nome duma rainha dos Lwena).

Como referi, Fonseca Cardoso não se interessou apenas pela cultura material. Nas notas póstumas apresenta-nos algumas obras de arte: uma porta decorada com quatro faces em forma de losango (que deveria ser proveniente, creio eu, dos vizinhos Lwena); um banco em forma de pássaro de pescoço comprido e que Cardoso identifica pelo seu nome vernacular (jaribu); uma ave parecida com a cegonha negra do Cap Khumbi - que se alimenta de peixe⁴.

Numerosos instrumentos musicais são igualmente expostos e identificados pelo nome original. O arco musical com a sua "cabaça ressonante" teve mesmo direito a uma explicação sobre o seu funcionamento.

Infelizmente, não existe nenhuma informação sobre as extraordinárias esculturas trazidas da região de Moxico.

No entanto, consegui identificar uma como sendo um exemplar de *Tshibinda Ilunga*, comparando-a com uma outra comprada em Lisboa, que tive a sorte de ter sido identificada no Dundo, em 1956, pelo adivinho Namuyanga (com 84 anos de idade), depois de muito simplesmente lhe ter perguntado quem era o personagem representado na estatueta⁵. Tendo sido posteriormente descrita em pormenor com a ajuda dos meus colaboradores, reconheceu-se que a forma da faca com um cabo comprido e lâmina trapezoidal, utilizada para esfolar a caça, era semelhante à dos Lutshazi, o que provava a sua origem meridional.

Nada foi revelado sobre a estatueta de chefe sentado a saudar, mesmo quando se notam, no peito e nos braços, marcas de unções rituais.

E para nosso infortúnio, nenhum dos Tshokwe – mesmo o velho adivinho que conseguiu identificar a personagem da estatueta de *Tshibinda Ilunga* – tinha a menor ideia acerca do papel que estas obras podiam ter desempenhado na corte.

Existem, igualmente, dois grandes tronos de chefe, cuja conceção e estrutura são verdadeiramente originais.

Conhecendo a manifesta curiosidade de espírito que animara a vida de Fonseca Cardoso e o seu incansável trabalho (pelo desenho e pela fotografia), criando, de certa maneira, uma documentação específica sobre os seres humanos e os objectos – uma vez que os analisava como antropólogo, etnógrafo e mesmo como geógrafo – poderíamos classificá-lo como um precursor na matéria, em virtude do seu comportamento que visava, essencialmente, a pesquisa global num território para ele desconhecido.

É evidente que não podemos esquecer a sua formação militar – as suas numerosas medalhas testemunham o gosto que nutria por esta área.

Ilunga by comparison with one bought in Lisbon, which was identified in Dundo in 1956 by the eighty-four-year-old diviner Namuyanga, after I had enquired about the name of the person depicted in the sculpture⁵.

Later, during our detailed description of the statue my assistants and I realised that the shape of the knife, with its long handle and trapeze-shaped blade for skinning game, was similar to those used by the Lutshazi. This indicated that the sculpture had come from the south

Once again there was no information about the seated figure of the chief clapping his hands in greeting. However traces of ritual oils can be seen on his chest and forearms! Unfortunately, no other Tshokwe, not even the old diviner who identified the figure, had the slightest idea about the significance of these works of art kept at the court.

There are also two large, very original chief's chairs.

With his enquiring mind and his untiring production of drawings and photographs which document both human beings and objects (from an anthropological, ethnographic and geographical point of view) Fonseca Cardoso could be considered a trailblazer in his field because of his global research in areas unfamiliar to him. We cannot forget his military training and the many medals he was awarded, which show the consideration in which he was held. But it is very strange that there was no information about these extraordinary works of art, which were of great socio-political and ritual importance in their place of origin. This lack was obviously not due to indifference on the part of Cardoso; one could not help wondering if documents had not been lost, and if so..... whether they could be found⁶.

I myself was not aware of the existence of the map drawn up by Cardoso in 1903 of the region of the Canasse Lutchaze in the archives of the Museum of Anthropology. I remembered that Muacefo, my assistant, as son of a *mwanangana* had been told as an adolescent the stories of his distant ancestors who, following the tradition of the families of chiefs, would have taken the name of a small river - tributary of the Lungwe-Bungo - (Bastin, 1961:30).

In spite of the accuracy of this sketch, the little river can still not be found! But the attention to detail will certainly please other observers, who will note with delight the artistry and colour used by Cardoso .

Notes

1 The objects were not numbered; for my own use and with a view to possible publication I systematically wrote A1, etc in brackets on my card index . (A = Angola). It was not until 1980 that Dr. António A. Huet de Bacelar Gonçalves, who was in charge of this museum collection, began numbering the objects following the modern methods suggested by I.C.O.M.

2 He was one of the first curators to publish a catalogue of his museum: A. dos Santos Rocha. O Museu Municipal da Figueira da Foz. Catálogo geral indicating the writings and drawings that had been published concerning many of the objects catalogued, Figueira da Foz, 1905.

3 By a strange coincidence, 80 years later he is spoken of in relation to us in the same publication "Trabalhos...", Port.

4 Related to the "Acudyang" of the Arund and its ritual, both initiation ritual mugonge of adults and with the mysterious motif yenge lya khumbi or "the viper of the stork", which decorates the diadem of the Cikungu masks only worn by the mwanangana of the Tshokwe during a sacrifice to calm the anger of the ancestors.

5 Since 1956, I have only identified 8 figures of the hunter Tshibinda Ilunga. (tshibinda is a kilaba name for an initiated hunter who uses charms; for the Tshokwe yanga means hunter).

6 In a posthumous publication (1919) it is mentioned that documents belonging to the family were used. I met Ricardo da Fonseca Cardoso's son in Porto and he told me that he still had these precious documents (notebooks and photographs). He lent them to me so that I could have them copied in Brussels and in 1966 I sent the originals back to him. I have already published (1982 e 1990: fig. 1) one of the photographs which best illustrates his father's anthropological observations of the Tshokwe of Moxico.

Bibliografia/Bibliography

Rocha, A dos Santos 1905. O Museu Municipal da Figueira da Foz. Catálogo geral com indicação dos escriptos e desenhos que se têem publicado sobre muitos dos objectos catalogados. Figueira da Foz.

Jorge, V.O. 1998 Homenagem a M. L. Bastin. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, vol XXXVIII (3-4). Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

Cardoso, A. Augusto da Fonseca 1919. Em terras de Moxico. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, I Fasc. 1, Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1-35.

Mas uma dúvida permanece quanto à falta de documentação relativa a estas extraordinárias obras que, no seu contexto habitual, eram dotadas de uma extrema importância, tanto nos planos social e político, como no domínio dos rituais.

Desleixo por parte do colector, é uma hipótese que está totalmente posta de parte. Parece-me mais evidente ter havido... um extravio de documentos... alguns dos quais poderão um dia ser eventualmente recuperados⁶.

Pessoalmente, não tive conhecimento da existência (nos arquivos do Museu de Antropologia) do mapa que Fonseca Cardoso esboçou em 1903 sobre a região dos "Lutchaze, ribeirinhos de Canasse". Lembrei-me que o meu colaborador Muacefo tinha sido iniciado (na fase da adolescência), na qualidade de filho de um *mwanangana*, nas tradições dos seus antepassados, entre os quais se dizia que haviam adoptado para a tribo o mesmo nome de uma pequena ribeira, "afluente do Lungwe-Bungo" (Bastin 1961: 30).

Apesar da exactidão deste esboço... a pequena ribeira continua sem ser descoberta. No entanto, a minúcia revelada pelo autor satisfará, certamente, outros investigadores atentos, que vão ficar encantados com o seu colorido.

Notas

1 Como nenhuma das peças deste museu estava numerada, para meu uso pessoal e prevendo eventuais publicações, nas minhas fichas escrevi sistematicamente entre parêntesis A1, etc. (A- Angola). Só em 1980 é que o Dr. António A. Huet Bacelar Gonçalves, encarregado desta coleção museológica, passa a utilizar uma numeração de catalogação, de acordo com as regras frequentemente aceites e aconselhadas pelo I.C.O.M.

2 Este conservador foi um dos primeiros a publicar um catálogo do seu Museu (Rocha, 1905).

3 Por um mero acaso, a 80 anos de distância, falou-se a propósito de cada um de nós na mesma revista (Jorge 1998)

4 Em relação com o "Acudyang" dos Arund e do rito dele derivado, ou seja o ritual iniciático do Mungonge dos adultos, assim como o misterioso motivo "yenge lya khumbi" ou "víbora de cegonha", que orna o diadema da máscara Cikungu exclusiva do mwanangana dos Tshokwe, e que ele arboriza quando se trata de executar um sacrifício para acalmar a ira dos antepassados domésticos.

5 Depois de 1956 consegui unicamente identificar, por comparação, oito estatuetas do "caçador" Tshibinda Ilunga. (Tshibinda é um termo kiluba que designa um caçador que utiliza amuletos; Yanga refere-se a um caçador dos Tshokwe)

6 Na publicação póstuma (1919), foram usados documentos da família. No Porto, travei conhecimento com o filho de M. Ricardo da Fonseca Cardoso, que ainda detinha em sua casa valiosos documentos (mapas, fotografias), os quais me viria amavelmente a emprestar para os reproduzir em Bruxelas. Em 1966 devolvi-lhe os originais. No entanto, constatei que uma das fotografias que melhor ilustrava as observações antropológicas feitas por seu pai sobre os Tshokwe de Moxico, tinha já sido duas vezes por mim publicada (1982 e 1999: fig. 1)

